

CONCERTOS DE DOMINGO

Guerra ou Paz

Orquestra Gulbenkian
Pedro Neves



6 MAIO 2018



Concertos de Domingo

6 MAIO
DOMINGO

12:00 / 17:00 — Grande Auditório

Orquestra Gulbenkian Pedro Neves Maestro

John Williams

Suite de *A Guerra das Estrelas*

Samuel Barber

Adagio para Cordas

Piotr Ilitch Tchaikovsky

O Ano de 1812, abertura festiva em Mi bemol maior, op. 49

Duração total prevista: c. 1h.

Concerto sem intervalo

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANGELMO
1910
33.ª edição há mais de 100 anos.

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Observatório de São Carlos. Por boas causas.

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA

BPI

Guerra ou Paz

A música sempre esteve e estará ligada aos grandes acontecimentos da história da humanidade. Celebrar momentos, reivindicar ideias, tomar posições ou recordar acontecimentos históricos capitais é uma das qualidades presentes em muita da música que escutamos. Entre esses acontecimentos, claro que se contam alguns menos pacíficos, ligados aos muitos exemplos de conflito entre nações e povos, mas que, muitas vezes, celebram ideias tão para lá do uso das armas quanto a resistência a invasores e agressores, a defesa da dignidade, da língua e dos costumes. Ou até, num sentido muito lato e sobretudo quando se trata de guerras que só existem na ficção, a vitória do Bem sobre o Mal.

No caso de *O Ano de 1812*, abertura composta por Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893) a pedido de Nicolas Rubinstein, trata-se de uma obra criada tanto para comemorar os 70 anos da vitória russa sobre a tentativa de invasão de Napoleão Bonaparte – depois de uma primeira derrota em Borodino – quanto para celebrar o aniversário do czar. Foram, na verdade, os rigores do inverno russo e uma epidemia de tifo a infligirem o mais rude golpe contra as tropas francesas. De maneira que não se pode falar da música de Tchaikovsky como música glorificadora ou em defesa da guerra. Pelo contrário, assenta mais numa ideia de resistência e de superação de uma ameaça exterior.

Outro dos claros poderes da música é a forma como se imprime enquanto memória associada às mais variadas imagens. É assim também que acontece com o cinema. Embora Samuel Barber (1910-1981) tenha escrito o seu *Adagio para Cordas* sem qualquer tipo de associação a cenários de guerra, a utilização desta composição de enorme intensidade emocional no filme *Platoon*, do realizador Oliver Stone, acabaria por torná-la a peça mais imediatamente reconhecível de Barber, fixando o poder sugestivo desses compassos enquanto acompanhamento de uma das cenas fundamentais de um filme que retrata a Guerra do Vietname.

Se esse cenário do filme de Stone ligou a música de Barber a um contexto de guerra real e traumático para a sociedade norte-americana retratado no ecrã, a banda sonora de John Williams (n. 1932) para a saga *A Guerra das Estrelas* aponta a um conflito futurista respeitando o cânone clássico da luta entre o Bem e o Mal, com o herói a lutar contra o seu lado negro. Para a música, Williams concentrou-se sobretudo no tom épico que o filme de George Lucas pedia. Como se nos anunciasse, desde o início, a epopeia a que Luke Skywalker terá de se entregar para cumprir um destino maior.

Pedro Neves

Pedro Neves é Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian e Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho. É professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e doutorando na Universidade de Évora, tendo como objeto de estudo as seis Sinfonias de Joly Braga Santos. Nasceu em Águeda e iniciou o seu percurso musical no Conservatório de Aveiro, onde estudou violoncelo com Isabel Boiça. Foi também aluno de Paulo Gaio Lima na Academia Nacional Superior de Orquestra e, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, estudou com Marçal Cervera na Escola de Música Juan Pedro Carrero, em Barcelona. Foi premiado no concurso da Juventude Musical Portuguesa e no Prémio Jovens Músicos. Estudou direção de orquestra com Jean-Marc Burfin na Academia Nacional Superior de Orquestra e com Emílio Pomarico, em Milão. Em 2006 e 2008, foi maestro assistente do maestro Michael Zilm. Foi Maestro Titular da Orquestra do Algarve (2011-2013) e é um convidado regular das principais orquestras portuguesas. Dirigiu também a Orquestra da Cidade de Joensuu (Finlândia) e a Orquestra Sinfónica de Porto Alegre (Brasil). Em 2012 colaborou pela primeira vez com a Companhia Nacional de Bailado, tendo dirigido *A Bela Adormecida* de Tchaikovsky. No domínio da música contemporânea, colabora com o Sond'arte Electric Ensemble, tendo dirigido estreias de obras de compositores portugueses e estrangeiros. Com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e com o Remix Ensemble – Casa da Música, realizou digressões na Coreia do Sul e no Japão. É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação do repertório para orquestra de cordas.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido. Esta constituição permite-lhe interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em colaboração com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. Ao longo da sua história, a Orquestra Gulbenkian gravou vários discos que receberam prémios internacionais de grande prestígio. A partir da temporada 2018-2019, o maestro Lorenzo Viotti assumirá as funções de Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian e o maestro Giancarlo Guerrero as funções de Maestro Convidado Principal.